

RUBEM BRAGA

UM GAUCHO

Domingo passado, depois daquelle amavel surra que os Ferrovios do Paraná deram no Internacional, ia eu com Rivadavia de Souza (o vosso illustre e querido Rivadavia, dono destas columnas) pela rua da Praia, quando rebenta em nossa frente Benjamin Soares Cabello. Não é a primeira vez que isso me acontece. Conheci Cabello em um restrurante perto da praça da Sé, em S. Paulo em companhia de um amigo mineiro, antigo az do perremismo. Estava de volta de uma temporada no Uruguay — uma temporada que foi obrigado a fazer depois do inverno de 1932. Tinha as malas cheias de gravuras em linoleum. Tudo o que me lembro é que elle me falou de Waldemar Ripoll. Ficamos praticamente amigos. Depois elle sumiu. Andava eu doente e frequentava, junto com Oswaldo de Andrade, que tinha o figado em petição de miseria, um medico da praça Xavier de Toledo. O nome do medico era Adhemar de Barros. Um dia ouço uma voz conhecida em outra sala do gabinete. Metto a cabeça pela porta: era o Cabello.

Tempos depois no Rio uma senhorita andava me martyrizando com uma traducção. Queria que eu a revisse. Tirei o corpo tanto quanto poude. O trabalho era longo, aborrecidissimo — e a senhorita mais aborrecida ainda. Depois de milhares de ataques e recuos, tive o prazer de saber que a senhorita conseguira afinal um outro martyr para revér sua maldita traducção: era o Cabello. Encontrei-o numa redacção da rua 13 de Maio e perguntei si elle tinha algum interesse pessoal na senhorita em questão. Não tinha. Mas então como se prestára ao sacrificio? Cabello respondeu muito serenamente que tinha sido apresentado á moça. Ella lhe pedira aquelle favor. E naturalmente elle não podia deixar de attender — que diabo! — ao pedido de uma senhorita. E lá estava, por simples cavalheirismo, enfrentando uma terrivel estopada.

Depois disso entrei em contacto mais miudo com Cabello — e descobri com surpresa que a historia da senhorita era verdadeira. O homem era assim mesmo. Um desses sujeitos que ficam profundamente incommodados e com uma especie de remorso quando não pôdem fazer um favor a uma pessoa qualquer, ajudar alguem. Indignei-me com elle certa vez que o vi ás voltas com uma papellada incrível, cheia de algarismos, que uma alta personagem

do governo lhe havia entregue. Estava organizando um trabalho minucioso, de responsabilidade, jogando com um material enorme e desorganizado Passava madrugadas ás voltas com seus numeros. Descobri que não ganhava coisa alguma para fazer aquillo. Fazia porque "era uma coisa que precisava ser feita"...

Sempre, considereei Cabello uma especie de consul do Rio Grande no Rio. No meio da imprensa e dos intellectuaes, Cabello, conhecendo toda a gente e fazendo favor a toda a gente, contribuiu para desmanchar a horrivel impressão que os gaúchos deixaram no espirito carioca depois que alguns heróes baratos arrastaram as esporas pelas calçadas carijós do Bellas Artes. Cahia-lhe nas mãos um livro gaúcho — e elle o fazia circular immediatamente pelos amigos, com um sorriso que parecia dizer: "vejam, lá não temos sómente degoladores; temos tambem homens de espirito..." Não é que Cabello seja contra os degoladores. Tem, no fundo do peito, uma secreta e suave ternura pelos velhos caudilhos — e no fundo da mala um punhal que, ainda Gury, ganhou de presente de um emerito degolador. Mas não usa esporas na alma. Preocupa-se, no Rio, com as coisas da administração do Rio Grande como de um caso pessoal. Ha tempos surgiu lá uma campanha que prejudicava um homem publico do Sul. Quem paralyzou a campanha foi Cabello. Procurou um a um os que participavam da campanha e disse: "olha, tu estás prejudicando um homem que está fazendo isto, isto e isto. O que escreves contra elle é aproveitado pelos inimigos da nacionalidade".

A ultima vez que tive noticia delle foi nas vespersas de seu embarque para Campos. O homem estava organizando, para a "Revista da Semana", um numero sobre a industria do assucar que é um bellissimo documentario. Agora elle está na terra. Muitos gauchos não sabem o que esse gaúcho discreto e intelligente faz por elles fóra do Rio Grande. Não se contenta, como jornalista dos mais brilhantes e seguros, em escrever as coisas, explicar as coisas. Faz acção pessoal: telephona, procura, conversa, convence. Por mim si algum dia encontral-o no Exercito ou no Cléro, não terei a menor surpresa: já o encontrei, num tenebroso dia de chuva, pescando no Arpoador e, numa noite do Carnaval, no Cattete, chupando chimarrão e lendo Sophocles...